

Programa de Assessoria à Pastoral (Pp)

JONAS

Paulo Cesar Bottas

Nancy Cardoso Pereira

Roberto Natal Baptista

Dario Geraldo Schaeffer

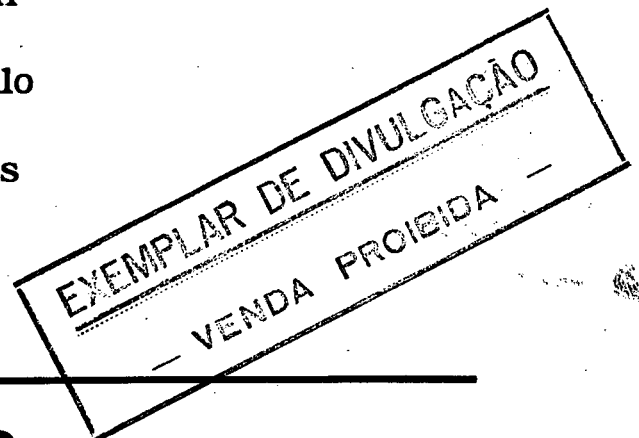
Sebastião Armando Gameleira Soares

Paulo Roberto Garcia

Rolf Schuenemann

Mariano Marchitello

Zwinglio Mota Dias



MOSAICOS DA BÍBLIA

CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação
Av. Higienópolis, 983 - 01238 - São Paulo - SP * Fone: (011) 825-5544
Rua Santo Amaro, 129 - 22211 - Rio de Janeiro - RJ * Fone: (021) 224-6713

4

Apresentação

Neste ano estaremos completando 500 anos de conquista do nosso continente, pelos europeus. Com isso, está sendo avaliado todo o projeto de evangelização que marcou esse período.

Neste contexto cabe o livro de Jonas. "Mosaicos da Bíblia" número 4, reúne várias reflexões em torno do livro deste pequeno profeta de poucas palavras.

Desejamos que esta leitura possa oferecer elementos para uma discussão crítica sobre o significado de 1992.

Paulo Roberto Garcia

Programa de Assessoria à Pastoral

"Mosaicos da Bíblia" reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento do Programa de Assessoria à Pastoral.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), o Programa de Assessoria à Pastoral e o CEDI.

Edição e Revisão: Milton Schwantes

Paulo Roberto Garcia

Jane Falconi F. Vaz

Digitação: Denise Gomide

Capa: Maria Cristina Ricardo

São Paulo-Outubro de 1991.

ÍNDICE

- Afe Jonas!!! O profeta da covarde intolerância, 04
Paulo Cesar Bottas
- Todo o mundo habitado, 07
Nancy Cardoso Pereira
- E a novidade veio de dentro da baleia, 11
Roberto Natal Baptista
- Evangelização e Exploração - irmãs de 500 anos, 16
Dario Geraldo Schaeffer
- O desencontro entre Jonas e Deus, 20
Sebastião Armando Gameleira Soares
- Jesus e os Marinheiros - Jonas e os discípulos, 24
Paulo Roberto Garcia
- Jonas e a Cidade, 27
Rolf Schuenemann
- Jonas... humor, resmungos e anúncio, 32
Mariano Marchitiello
- A fragilidade do profeta suscita a sabedoria e a força
do povo, 38
Zwinglio Mota Dias

AFE!!! JONAS**(O profeta da covarde intolerância)**

Paulo César Bottas

O livro de Jonas é claramente didático e evidencia a misericórdia de Deus. Até aí, nada de mais. Inútil querer ser mais didata que o próprio escritor. No entanto, existe uma dimensão oculta da personalidade do profeta - sua covardia e intolerância - sobre as quais me parece necessário uma pequena reflexão. Quantas vezes somos tomados de uma grande covardia e queremos transformá-la num ato de coragem que atinge a intolerância? Que Deus é maior que nosso coração, que sua loucura é mais sábia que os homens; que não dá pedra a quem lhe pede pão são coisas sabidas mas, talvez, não interiorizadas na nossa prática eclesial e, na maioria das vezes, eclesiástica.

Jonas foge da face de Deus quando soube que o havia chamado para profetizar. E vai para Társis, que representava aos olhos dos hebreus o fim do mundo. Como bom covarde e traidor vai para os "cafundós do Judas", na linguagem popular. Entra no barco, desce para o fundo e dorme profundamente. Freud explica o óbvio. Só faltava Jonas gritar: "Quero a minha mãe!!!". A volta ao útero, a dependência absoluta pelo apagamento da sua consciência. O mar cobre-se de faios, trovões e a tempestade sacode o barco e amedontra os marinheiros, ecumênicos, porque cada um começava a gritar para o seu Deus (Jonas 1,5). O nosso covarde Jonas, dono da religião "verdadeira", seguro da sua fé, é despertado pelo "outro", de outra fé e religião. É cobrada a sua adesão ao momento existencial que desafia a vida de cada um. Deus intervém pelo diferente do seu servo que devia ser fiel. Deus intervém e faz conhecer o seu desígnio pelos símbolos esotéricos dos homens: jogam a sorte, que cai sobre Jonas. O transcendente se manifesta pela sorte e Jonas é obrigado a declarar a sua fé: "Sou hebreu e venero a Iahweh, o Deus do céu, que fez o mar e a terra" (Jonas 1,9).

Os marinheiros temem e fazem justiça segundo a

indicação da sorte pública de Jonas, da sua covardia. Antes porém, na sua misericórdia e piedade tentam salvar Jonas e quanto mais se esforçam para atingir a praia tanto mais o mar se enraivece. Pedem perdão para não ofender o Deus do covarde profeta, lançam-no ao mar, que se acalma, e rendem culto cada um a seu Deus.

Assim termina o ciclo da covardia de Jonas... negando o seu segundo cimento.

Na sua segunda descida ao útero materno, Deus, na sua misericórdia, se utiliza de um grande peixe, que a tradição popular identificou como uma baleia-mamífero dos mares. Jonas fica com terror e medo e parece arrepender-se diante da situação de perigo e promete tudo para salvar a pele. Diante de tanta generosidade e vontade de converter-se, Deus não duvida e sem vacilar tem misericórdia e salva Jonas, atirando-o em Nínive. Do seu terceiro nascimento, nas praias de Nínive, Jonas vai atingir as sombras da intolerância. Profetiza em Nínive estipulando um prazo de 40 dias para a conversão. Como no dilúvio e no êxodo, a tentação do deserto se faz por: sofrimento, expiação, esperança, jejum e oração. O rei decreta o tempo da expiação: "Homens e animais, do grão e miúdo, não provarão nada! Eles não pastarão e não beberão água. Cobrir-se-ão de panos de saco, invocarão a Deus com vigor e se converterá cada qual de seu caminho perverso e da violência que está em suas mãos" (Jonas 3,7-8).

Deus, vendo a sua prática e obras, se arrepende, volta atrás e não castiga Nínive, a grande cidade, "onde há mais de cento e vinte mil homens, que não distinguem entre direita e esquerda, assim como muitos animais".

Jonas fica irado e, na sua intolerância, cobra de Iahweh dizendo: "Não era justamente isso que eu dizia quando estava ainda em minha terra. Por isso fugi apressadamente para Târsis, pois eu sabia que tu és um Deus de piedade e de ternura, lento para a ira e rico em amor e que se arrepende do mal" (Jonas 4,2). Jonas fica tão p... da vida, bate o pé, mostra que está "porraqui!!!!" - com o seu dedo mostrando o limite da garganta - e pede para MORRER. Deus ainda pergunta qual o motivo de tanta "brabeza" e ira. Jonas não responde e desafia de novo Iahweh. Sai da cidade, constrói uma tenda e fica vendo se a cidade vai ou não ser destruída. Deus, com uma santa paciência, tenta evidenciar para Jonas a sua misericórdia e faz crescer uma manoneira para lhe fazer sombra e esfriar a cabeça.

Qual nada, Jonas sacode os ombros para o gosto divino, mas fica bem alegrinho com a mamoneira. Deus, para dar outro toque em Jonas, manda um verme que seca a manoneira e ela seca. Deus manda um sol e um vento que ardem a cuca de Jonas. O profeta intolerante não se dá conta dos sinais de

Deus, e reafirma, que é melhor morrer do que viver só porque Deus não havia destruído Nínive. Para todo intolerante, a ternura é torturante e o seu dogmatismo é sem volta e sem ninguém.

Jonas, o nosso ecologista primaz, tem pena da manoneira que secou mas não se compadece dos habitantes de Nínive. Mostra sensibilidade para com a natureza e a sua cegueira para as coisas humanas. Jonas intolerante continua girando em torno do seu umbigo, fechado ao gesto largo da misericórdia, exigindo uma vingança que chega às raias do sadismo.

Deus perdoa Nínive. De Jonas ninguém soube nada. O livro não conta, termina com Deus mostrando-lhe a sua babaquice: "Tu tens pena da mamoneira, que não te custou trabalho e que não fizeste crescer, que em uma noite existiu e em uma noite pereceu" (Jonas 4,10).

Dizem que Jonas morreu de enfarte, outros afirmam que foi de úlcera, outros que ficou louco de pedra. O certo ninguém sabe...

No último carnaval, juram que o viram contra o nu dos homens e das mulheres, distribuindo panfletos, comunicados, fazendo novenas e instigando o ódio e a intolerância. Jonas não consegue ser feliz, brincar, ser terno, nem amar ninguém. Continua proclamando que Iaweh vai matar todo mundo e mandar pro inferno. Persegue os que não são o seu espelho, manda calar a boca dos que profetizam, baixa decretos, bulas, instruções.

Os colunistas sociais juram que ele se assumiu e tem desfilado entre plumas e paetês nos bailes do Municipal com a fantasia da sua criação, "o esplendor da vingança de Iaweh", mas que fica irado e quer morrer porque nunca consegue o primeiro prêmio.

E Iahweh, na sua ternura e piedade entre um sorriso e outro continua tentando mostrar a Jonas a sua misericórdia e quando perde a paciência, de vez em quando, entre uma tentativa e outra, se desabafa no alto dos céus, solta um raio seco, na imensidão azul e repete mais uma vez: AFE JONAS!!

Paulo César Bottas é frei dominicano, membro da equipe do Programa de Assessoria à Pastoral e da diretoria do CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação; e assessor na Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Av. Higienópolis, 983 a/c CEDI
01238 - São Paulo - SP.

TODO O MUNDO HABITADO

Nancy Cardoso Pereira

Sempre se falou da baleia e nem era baleia: era um peixe grande. Mas nas histórias para as crianças e no senso comum é tido quase como certo: foi uma baleia que engoliu Jonas. Que outro peixe nosso conhecido poderia ser?

É que conhecemos poucos peixes grandes o suficiente para engolir um profeta inteirinho.

Mas, algumas vezes Deus precisa de peixes enormes que engulam profetas inteiros como processo necessário de conversão.

É que os profetas também precisam se converter.

A história de Jonas é conhecida.

Deus quer que Jonas converta Nínive.

Isto Jonas não entende nem quer entender: Nínive é a grande cidade, capital do Império que destruiu Jerusalém, levando cativa as lideranças e deixando a terra assolada.

Por que agora esta proposta de profetizar em Nínive? Jonas não aceita a convocação e toma caminho e decisão contrárias às ordenadas por Deus. Para Jonas a grande cidade de Nínive não merece alternativa ou perspectiva: merece a condenação e o castigo de Deus.

Fechado no mundo de suas concepções aonde a boa nova de salvação é uma questão exclusiva e nacional, isto é, que diz respeito aos judeus e a Jerusalém, Jonas não consegue pensar a profecia em termos de todo o mundo habitado.

Trancado na compreensão de Deus que se molda aos interesses do nacionalismo judeu, Jonas não consegue perceber as implicações internacionalistas da profunda crise econômica e política que reduziu Israel a quase nada. Para Jonas a proposta é de se fechar nos limites imediatos e

curtos da religião nacional, fazendo-se de surdo às exigências de uma profecia que dê conta de todo o mundo habitado.

A mensagem de Deus de crítica e salvação na forma de profecia não pode ser mudada. O profeta, sim.

Então começa o processo de conversão de Jonas.

E neste processo o conteúdo e a metodologia são importantes.

De peixes, ventos, mares e vermes:

Jonas vai encontrar-se com gente diferente em sua fuga. Marinheiros corajosos, sensíveis e cheios de fé.

No confronto que se estabelece a partir da tempestade que ameaça a vida de todos no barco, a espiritualidade dos marinheiros se mostra firme e sensível, aberta a aprender com a fúria do mar e preocupada com a sobrevivência de todos...

Mas Jonas se mantém insensível e isolado, incapaz de aprender. Jonas vai para o porão e dorme, insensível à fúria do mar e ao perigo que ameaça a todos. Deus vai lançar mão das forças e criatividade da natureza para converter Jonas.

Jonas é lançado ao mar... porque é sua fuga de Deus que precipita as águas e o céu. Já que o profeta não consegue perceber a fala da natureza toda as exigências de Deus... é lançado ao mar. O mar participa profeticamente da vontade de Deus. O mar reage e responde aos propósitos divinos. Os marinheiros, pelo trabalho e convivência, conhecem o mar, e podem falar de Deus a partir do mar. Assim que Jonas é lançado fora, o mar se acalma.

"E Deus ordenou que um grande peixe engolisse Jonas" (1,17).

E o peixe está no lugar certo, na hora certa para participar da vontade de Deus.

Em todo o pequeno livro, a natureza, animais e plantas, ventos e sol, participam do processo de conversão do profeta. O que Deus exige de Jonas não é somente que anuncie a palavra profética em Nínive, mas que tenha uma compreensão da totalidade. Que aprenda a perceber no outro, no diferente, em toda a criação, a presença divina.

Na barriga do peixe Jonas faz sua oração... mas só consegue pensar e ansiar pelo Templo: "...pensei que não voltaria a ver teu santo Templo" (2,6). Jonas continua preso à sua-experiência limitada.

Sensível à vontade profética de Deus, o peixe sabe aonde cuspir o profeta: em Nínive. Jonas vai sendo empurrado para sua missão. O grande peixe foi sobrevivência e abrigo, processo e instrumento.

Mas o texto insiste em afirmar a insensibilidade de Jonas. Eram preciso três dias para atravessar toda Nínive. Jonas, de má vontade, faz o percurso num dia. E o inesperado acontece: Nínive ouve a palavra profética e se converte. Todos: desde os maiores, até os menores. O processo de conversão alcança o palácio e o rei e até mesmo os animais são incluídos no jejum que é proclamado:

"...Ninguém pode comer nada. Todas as pessoas e também os animais" (3,7).

Apesar de Jonas, apesar do profeta, a palavra de Deus de crítica e juízo é acolhida e gera transformação. Mudança que passa pelo povo e pelas estruturas de poder... o que também diz respeito aos animais. Afinal, eles são atores importantes nesta novela.

A última cena é triste. O profeta se irrita com Deus porque teve misericórdia da cidade. Jonas queria o rigor da palavra que julga sem oferecer alternativa de salvação. Jonas prefere morrer a ser desmoralizado pela conversão de Nínive. Na saída da cidade, Jonas constrói um abrigo. Ao seu lado nasce uma planta que vai oferecer sombra para alegria do profeta.

No dia seguinte, um verme seca a planta a pedido de Deus.

Jonas se irritar com o vento quente que vai queimar sua cabeça e lamenta a planta que secou.

Deus conclui a história dizendo:

"Essa planta cresceu numa noite e na noite seguinte desapareceu. Você nada fez por ela, nem a fez crescer, mas mesmo assim tem pena dela! Então, eu com muito mais razão, devo ter pena da grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil crianças inocentes e também muitos animais" (4,10).

A história termina sem a conversão de Jonas.

Toda a natureza participou ativamente, com todos seus movimentos e poderes da profecia, apesar do profeta. É que a exigência da profecia diz respeito a todo o mundo habitado.

A palavra de Deus exige profetas que, solidários com a humanidade e a natureza, rompam os esquemas institucionalizados da religião e nacionalismo estreito.

A profecia não está trancada na vontade do profeta. A profecia - juízo e salvação - está no trabalho dos marinheiros e nos movimentos da natureza.

O grande peixe e o verme, a tempestade e o forte vento, o sol nascente e o vento vindo do leste, os animais e a planta... todo o mundo habitado como fala profética de Deus.

Quantos peixes grandes serão precisos para engolir os profetas que ainda não aprenderam a ouvir a palavra de Deus que sopra aonde quer?

Nancy Cardoso Pereira é pastora da Igreja Metodista no Brasil e faz mestrado em Bíblia no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, em São Bernardo do Campo.

Rua José Neves, 50/102M
04650 - São Paulo - SP

E A NOVIDADE VEIO DE DENTRO DA BALEIA

Roberto Natal Baptista

Era uma vez um cara chamado Jonas. Deus disse a ele: "Faça-me um favor. Dê um pulo até a cidade de Nínive e diga ao povo de lá para tomar jeito e tratar de se converter, porque eu não ando nada satisfeito com eles. Se as coisas não mudarem, eles vão ver o que acontece!"

Jonas tomou um susto, quase caiu de costas, diante de um pedido tão estranho, pois Nínive era uma cidade estrangeira, capital da Assíria, o maior inimigo do povo de Israel. Jonas respondeu:

"O que? O Senhor está pensando que eu sou doido? Não quero nem saber! Eles é que se virem! O Senhor está a fim de acabar com eles? Bem-feito! Melhor para nós. O Senhor não sabe que eles estão doidos para acabar com a gente?"

Jonas não teve dúvidas. Foi até o porto da cidade, comprou uma passagem num navio, a fim de se mandar para bem longe. Fugir...

Mas o pobre Jonas deu azar. O navio ainda não estava longe da costa, quando começou uma tempestade de arrepiar os cabelos. O navio balançava, os marinheiros corriam de um lado para o outro, agarravam-se ao mastro, pediam socorro aos seus deuses estrangeiros.

Jonas não estava nem aí. Dormia tranqüilamente, numa boa, recostado num canto do navio. Chegou o comandante e lhe passou um sabão: "Como é que é, seu moço, não vai dar um jeito? Quem é você? Não está vendo o perigo? Por que você não pede a seu Deus que nos livre desta tormenta?"

E o mar ficava cada vez mais bravo. "É castigo de Deus", diziam os marinheiros. "Temos que descobrir o culpado!"

Quando ouviu isto, Jonas se arrepiou todo. Os marinheiros, como era costume naquele tempo, tiraram a sorte para ver quem seria o culpado. E a sorte (isto é, o azar) caiu em cima de quem? Adivinhe. Caiu em cima do Jonas, que contou a todos a história de sua fuga. Os marinheiros lhe disseram: "Rapaz, isso não é coisa que se faça. E agora? Vamos morrer todos..."

Jonas reconhecendo a sua culpa disse a eles: "Podem me jogar no mar. É o único jeito de vocês se salvarem".

Os marinheiros ainda fizeram uma última tentativa de chegar à costa. Nada feito.

Não tiveram jeito. Jogaram Jonas no mar. E a tempestade logo se acalmou.

Tschibuummm... Jonas caiu na água. Veio um peixe daquele tamanho e ... rneecol Engoliu Jonas. Engoliu inteirinho.

Jonas ficou três dias e três noites dentro de um peixe. Devia ser uma baleia. Já pensou?

Mas, depois desse período, Deus fez o peixe lançar Jonas na praia.

Então, Deus chegou e repetiu a mesma conversa de antes: "Veja se cria jeito, Jonas! Estou precisando que você vá a Nínive..."

Desta vez, Jonas obedeceu. Também, depois de uma dessas!

Jonas chegou a Nínive e ficou abismado com o tamanho da cidade. Andou um dia inteiro pelas ruas, gritando que o povo devia se converter, porque, do contrário, a cidade seria destruída em 40 dias.

Impressionante! O povo acreditou, embora nem conhecesse o sujeito que estava anunciando a notícia. Eles disseram: "Vamos abandonar o caminho perverso e pôr fim à violência. Todo mundo! Quem sabe, o Senhor terá compaixão de nós?" Isso foi o que todo o povo fez.

Quando Jonas viu que o povo havia se convertido, virou uma fera. O que ele queria mesmo é que a cidade fosse destruída, arrasada. E isso não aconteceu.

Jonas retirou-se da cidade. Estava de mau humor. E disse a Deus: "Eu quero mesmo é morrer. Estou desgostoso da vida".

Deus ficou com pena do seu amigo Jonas. Tão cabeçudo, mas tão simpático - "Por que você está assim tão nervoso, Jonas?"

Jonas, fora da cidade, queria descansar. Mas o sol estava muito quente, pegando fogo. Então Deus fez nascer um pé de mamona bem em cima da cabeça dele. "Que sombra gostosa", disse Jonas, satisfeito. E dormiu até o outro dia.

Mas Deus aprontou mais uma: no outro dia, bem cedo, mandou um verme roer o pé de mamona. Dito e feito: o pé de mamona secou. Jonas, de novo, virou uma fera. O sol nasceu ainda mais quente. Jonas não "tava" agüentando, parecia que iria morrer. De novo desejou a morte, dizendo: "É melhor morrer do que continuar vivendo deste jeito".

Deus perguntou a Jonas: "Escute aqui. Você acha certo ficar bravo deste jeito só por causa de um pé de mamona?" Jonas não teve dúvida e respondeu no ato: "Acho certo, sim Senhor! O Senhor não acha que isto é uma sacanagem?"

Deus não perdeu tempo. "Pois olhe aqui, seu cabeça dura! Você não acha que deveria se preocupar e ter pena de todo esse povão de Nínive?"

Fim da história...

(Extraído da revista infantil "Alô Mundo", no. 27/28, 1989, Taboão da Serra, p. 11-14).

A primeira impressão, quando lemos o livro de Jonas, é de que temos diante de nós uma estória para criança. Uma estória muito divertida e cheia de aventuras.

A estória bíblica do homem Jonas, que é engolido por um grande peixe, encontra eco em outras culturas. Entre os marinheiros fenícios circulava uma lenda sobre um homem que fora engolido por um grande peixe, após uma tormenta. Este peixe, mais tarde, o teria vomitado sobre a terra. Na Grécia, também temos a lenda de Perseu e de Hércules. Este último fora tragado por um monstro marinho e libertado após três dias, completamente calvo.

O livro de Jonas é um dos mais breves da Bíblia. Possui apenas 47 versos. Este pequeno livro, entretanto, nos cativa pela enorme originalidade de seu conteúdo e pelo seu belo estilo.

O que parece mais chamar a atenção, porém, são seus enormes paradoxos. Em nenhuma outra parte da Bíblia encontramos tantos. Logo de início, a figura do profeta realça a nossos olhos. Vemos em Jonas um anti-herói. Um profeta manhoso, desobediente, teimoso e nem um pouco misericordioso. Como se não bastasse, não o encontramos falando em Jerusalém ou qualquer outro lugar onde o público pudesse ser os piedosos judeus. Encontramo-lo, isto sim, falando aos pagãos na grande cidade de Nínive. Deus também aparece para nos surpreender. Não o vemos preocupado com a salvação de seu povo Israel. A sua ação e vontade parece só visar os pagãos.

O estilo da narrativa também nos surpreende. O autor sabia muito bem que não poderia trazer tamanha novidade teológica e tamanha crítica à nação senão através de um conto tão diferente como este. Um livro repleto de ditos proféticos, como podemos encontrar nos demais profetas, talvez, jamais atingisse os seus objetivos, tamanha a novidade contida em Jonas.

Temos como pano de fundo a reforma de Esdras e Neemias. O seu estilo sapiencial nos permite situar o livro como produto do final do século V a.C. Jonas revela características de grande conhecedor da tradição e dos profetas, do mundo (de Târsis a Nínive), do comércio marítimo, do mundo urbano e do culto. Podemos, inclusive, situar o seu lugar sociológico em Jerusalém. Jonas é produto da cidade.

A iconografia das catacumbas é um impressionante testemunho do impacto que o livro de Jonas produziu na igreja primitiva. Se observarmos a freqüência dos assuntos pintados nas catacumbas iremos nos surpreender com o

resultado. A cena do bom pastor aparece 114 vezes. Jonas aparece em segundo lugar com 57 obras. Em terceiro, 53 vezes, temos a ressurreição de Lázaro. Por que esta frequência? Iremos encontrar a resposta ao notarmos a função das catacumbas; neste lugar de sepultura dos cristãos encontramos os testemunhos da ressurreição de Jesus.

Mas qual a ligação entre Jonas e Jesus? Temos o testemunho desta ligação nos evangelhos. Mateus, por exemplo, narra que quando fariseus pediram um sinal divino que autenticasse a missão de Jesus, este recorreu ao sinal de Jonas: "assim como Jonas passou três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o filho do Homem passará três dias e três noites no seio da terra" (Mateus 12,40). Jonas, portanto, pela própria boca de Jesus, vem figurar a imagem da ressurreição.

Como símbolo da ressurreição, o livro de Jonas vem nos trazer uma mensagem de renovação e esperança. Ressuscitar é nova chance, é novidade de vida. Como nós precisamos de novidades a cada dia! O livro de Jonas é puro evangelho. Ele nos convida a viver ao lado de um novo Deus.

O livro de Jonas anuncia o Deus que vem. Ele é o Deus criador de todas as coisas. Vemos os marinheiros forçarem Jonas a confessar o seu Deus, assim como eles invocaram seus deuses. Deus torna-se em Jonas verdadeiramente universal, antecipando a mensagem do evangelho de Jesus. Ele é o deus de todos, cheio de misericórdia e de ternura.

Anuncia, também um novo Javé, um novo Deus para o povo de Israel. O autor do livro conseguiu através desta narrativa, desta estorinha, trazer um ensino teológico absolutamente excepcional. Ele questiona o Deus desfigurado, reduzido e legalista. Propõe o ressurgimento do Deus libertador, histórico de Israel.

Jonas, portanto, condena o nacionalismo de restringir a salvação e do reivindicar da graça e misericórdia só para si. Portanto, reinterpreta a confissão de fé. Entender a mensagem de Jonas é questionar a própria fé daquele que a entende. Questionar é buscar a novidade. É reinterpretar. É fazer uma nova leitura da realidade.

O livro de Jonas fala a todos. Para o mundo lança a esperança da renovação, de uma "nova novidade". Na igreja nos obriga a olhar além dos muros que nos cercam e nos dividem. Será que não somos todos nós mais ou menos Jonas? E se for verdade, que Deus é outro?

Roberto Natal Baptista é teólogo, mestrando em Bíblia no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, em São Bernardo do Campo.

Av Dr Silva Melo, 106 bl 5/63

04675 - São Paulo - SP

EVANGELIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO - IRMÃS DE 500 ANOS**Expressões de revolta meditadas à luz e à sombra de Jonas.**

Dario Geraldo Schaeffer

"Celebrar los 500 anos es celebrar un massacre."

(Juanita Vasquez, índia zapoteca-mixe de Yalalag-México)

1. The Mission

Não há máquina do tempo que possa fazer voltar atrás a triste e vergonhosa história da implantação do colonialismo moderno em nosso mundo nos últimos 500 anos. Nada trará de volta à vida os 70 milhões de índios desrespeitados, roubados, desalojados e massacrados pela ânsia conquistadora e destruidora da concupiscência, força motora das ambições que moveram os povos europeus há 500 anos a ocuparem as terras "descobertas" à custa do extermínio de milhões de seres cujos descendentes até hoje não têm reconhecidos seus mais elementares direitos de serem gente.

Não me refiro somente aos massacres que hoje continuam acontecendo, especialmente no Brasil, com os índios. Refiro-me, também, aos milhões de negros, que vivem e sofrem a discriminação social e econômica que o assim chamado mundo moderno lhes impõe e com isto lhes tira parte da existência. Não somente no terceiro mundo, mas em países ricos, como Estados Unidos e África do Sul, condições de relação social medievais fazem com que tenham de lutar pelos mínimos direitos de viverem em sua própria terra.

Quantas vidas e quantas lágrimas já não custou esta luta pela liberdade em todo o mundo?

Refiro-me igualmente aos milhões de crianças que não passam de um ano de vida, ou se passam, terão como destino a rua, o desamparo, a discriminação, a perseguição e o extermínio.

Refiro-me também aos trabalhadores brasileiros, homens e mulheres, tão longamente espoliados por consecutivos.

desplanejamentos econômicos, cuja finalidade seqüencial única é a despoderização das classes trabalhadoras.

Hoje, a América Latina é obrigada a ter que ouvir e sentir o que Paulo Francis, inteligente e apaixonado americanófilo, diz a respeito do México: que estaria muito melhor se fosse englobado pelos Estados Unidos, pois então não precisaria exportar sua melhor mão-de-obra para lá. Expressa-se aí um pós-neocolonialismo, que não opta mais pela exploração, via relações econômicas, mas pela ocupação e, quem sabe, anexação. Algo nem tão "neo" assim.

Aliás, a ânsia de conquista que levou espanhóis, ingleses, portugueses, franceses, holandeses a ocuparem, em todos os sentidos, a América Latina, até hoje não mudou na questão metodológica. Será que a grande festa que a ONU proporcionará ao mundo em 92 aqui, no Brasil, terá coragem de analisar esta metodologia? Não o creio.

As igrejas têm assumido como sua missão histórica a tarefa de coordenar os trabalhos de conquista em nível ideológico. Com esta atitude, instrumentalizaram-se para servir ao poder econômico na criação de um substrato de sustentação necessário para a consolidação desta ocupação. Esta, ao mesmo tempo que era dirigida pela concepção econômica de que as terras descobertas e conquistadas deveriam gerar riquezas para manter as matrizes, criava a necessidade de haver uma ocupação da consciência religiosa, cultural, enfim, ideológica, para que a submissão não se fizesse à força de armas, mas também em nível de aceitação, de compreensão e de concordância.

Mesmo que isto não tenha sido conseguido totalmente, foi, a meu ver, o papel mais terrível, a missão mais diabólica - a de fazer com que fosse quebrada a vontade de serem povos livres, que concordassem com esta submissão e, com isto, com seu desaparecimento, seu massacre em todos os sentidos. Vozes inicialmente críticas de figuras mitológicas da história do Brasil, como Manoel da Nóbrega, manifestaram-se conscientemente a favor da submissão dos índios: "Sujeitando-se o gentio, cessarão muitas maneiras de haver escravos mal-havidos e muitos escrúpulos, porque serão os homens escravos legítimos, tomados em guerra justa, e terão serviço e vassalagem dos índios e a terra se povoará e Nosso Senhor ganhará muitas almas e Vossa Alteza terá muita renda nessa terra".

Ou então a afirmação de José de Anchieta: "A conversão destes (índios de Piratininga) não cresceu tanto como a da Bahia, porque nunca tiveram sujeição, que é a principal parte necessária para este negócio".

Um testemunho mais recente de um evangélico luterano de Santa Catarina, faz com que esta realidade chegue mais perto

de nós. Contou-me que, quando criança, participou de caçadas aos bugres com seu pai. Conta ele que o grupo de caça conhecia os costumes dos índios e que a melhor época para matá-los era a de suas festas. Quando bebiam e dançavam, ficavam tão cansados, que era fácil cortar-lhes as cabeças, enquanto dormiam. Homens, mulheres, crianças eram indiscriminadamente massacrados a golpes de espadas e facões por pessoas que no domingo seguinte estavam no culto de sua Igreja como se nada tivesse havido.

O que leva a isto? O que pastores e a Igreja Luterana da época disseram a isto? Está aí uma tarefa de pesquisa para as "comemorações" dos 500 anos.

Mas creio que também as outras Igrejas evangélicas deveriam dar um passeio histórico pesquisador em suas concepções e pregações, ou nas razões porque vieram ao Brasil, à América Latina tão sofrida e explorada. Certamente haverá surpresas!

2. Jonas

Por ser um livrinho cheio de surpresas (Schwantes), a história do profeta Jonas deverá nos ajudar a iluminar um pouco, dentro dos limites deste espaço de meditação bíblica, as distorções e até as razões da missão colonialista que transformou este continente tão rico, tão belo e tão bem habitado, num espaço ocupado por povos massacrados e explorados, historicamente escravos.

"Grite contra a grande cidade de Nínive" (Jonas 1,2). O conteúdo da tarefa de Jonas era anunciar juízo. O juízo de Javé sobre uma metrópole, cuja população infantil era de mais de 120 mil crianças (4,11).

É esta a palavra de Javé. E ela precisava ser profetizada, "porque a maldade daquela gente chegou aos meus ouvidos" diz Javé (1,2). A maldade não é especificada e parece não ser de grande interesse para a estrutura de conteúdo do livro. Outra é a mensagem central que a sapiência israelita quer nos transmitir. E esta mensagem é uma das surpresas que nos são reservadas.

Jonas é representante dos que crêem na justiça de Javé, a mesma que caiu sobre Sodoma e Gomorra, que destruiu Acab e que castigou Davi. Jonas representa a concepção de Javé, como um Deus que ama seu povo, que é longânimo, mas que castiga a injustiça com a morte, sem que haja volta. Jonas é partidário de correntes, digamos, fundamentalistas e radicais do profetismo, que se mantinham, pelo viés do conservador, sempre ligados aos poderes do templo e da lei. Jonas aqui representa a mentalidade dos senhores do templo e dos donos da interpretação da lei.

Dario Geraldo Schaeffer é secretário executivo do Instituto Universidade Popular - UNIPOP, em Belém/PA.

Av Senador Lemos, 557

66055 - Belém - PA

O DESENCONTRO ENTRE JONAS E DEUS

Sebastião Armando Gameleira Soares

"...de pano de saco, desde os maiores até os menores" (leitura de Jonas 3,5-9)

É muito estranho. Um profeta é encarregado de pregar a conversão. Aqui, porém, a intimidade do profeta é devassada e aparece cruamente como é ele quem necessita de converter-se.

Jonas sabe dever proclamar uma notícia terrível: a grande cidade de Nínive, a importante capital está arrasada. Apesar de perceber que Deus o chama, recusa-se a ir e até foge na direção contrária.

Enfrentar Nínive, famosa por sua maldade e ainda sendo um profeta estrangeiro devia ser dureza dobrada. E à incerteza, qual seria a reação? A própria vida corria perigo. O poder assírio era bem conhecido desde há muito por sua crueldade. Tudo isto é o que nós imaginaríamos como sendo as razões da desesperada fuga do profeta.

Não era, porém, nada disto. O próprio Jonas o esclarece. É que há um desencontro fundamental entre ele e Deus. Em termos humanos, diríamos que há uma "incompatibilidade de gênios". Jonas é duro com o pecado, não suporta quem pratique violência e, por isso, não pode estar de acordo com a paciência infinita de Deus, sempre disposto a perdoar. Está longe de ter apreendido as lições aprendidas por Oséias depois de tanto sofrimento. Para ele as pessoas (e as cidades) se dividem em boas e más. Ele mesmo, pelo visto, deve catalogar-se, como aquele homem rico do Evangelho, do lado dos bons. Espontaneamente entende que Deus seja justo juiz, mas tem invencível dificuldade de imaginá-lo como pura graça. É claro que para ele a salvação é prêmio, não oferecimento gratuito. E não desiste. No fim de tudo, como nos conta o capítulo 4, ainda espera por um milagre que faça justiça. Mesmo tendo visto que Deus perdoara os ninivitas, vai-se assentar pensativo, ansioso por "ver o que aconteceria à cidade". Quem sabe, ainda

que isto é o lado engraçado da estória?

Começamos por dizer que não é freqüente um peixe engolir um homem inteiro, e menos comum ainda é o "distinto" entoar um salmo no ventre do monstro marinho e continuar sua viagem dentro do mesmo por três dias. E se olharmos mais aguçadamente, até esse salmo acaba sendo rezado por Jonas numa cômica situação: Veja que ele está com a língua freada (3,5-9) e a sua "conversão" parece forçada e hipócrita, pois não tinha outra opção naquele momento (3,7-8). Essa cena não tem uma certa comicidade? Ou reza, ou o peixe não ficará de estômago embrulhado.

Depois, na segunda situação, o engraçado está no desespero de Jonas ao ver a cidade perdoada e temporariamente poupada do castigo. À sua ira e irritação, incompatível com sua missão e condição de profeta, Javé intervém através da árvore que lhe dá sombra para o calor sufocante e alívio para o vento abafado, e através do vermezinho que a destrói numa só noite. E aqui de novo a cômica situação: tudo aquilo que refrescava, por fora, a "cabeça-quente" de Jonas, Javé retira com um toque irônico.

Os resmungos do profeta teimoso

A narrativa contrasta habilmente o azedume do cidadão Jonas com a honestidade dos gentios. Começa quando Javé ordena que ele leve a Palavra à Nínive, a GRANDE. E a ironia da narrativa vai mais longe ao ignorar os nomes de Jerusalém e de Judá, além do Templo ser mencionado apenas no salmo rezado dentro do peixe. O pior de tudo, é que o Deus de Jonas só se inquieta com uma coisa: a salvação dos ninivitas. E a Judá sobrou somente a missão de servir como instrumento dessa salvação. É demais para Jonas, por isso ele só resmunga...

Como resmungar é uma forma de não aceitar os fatos, ele foge à missão, pois a salvação dos ninivitas não lhe interessa. E quando ele enfim a efetivou, ainda espera um castigo, que sabemos, não virá. Enfim, Jonas não aceita o perdão dado por Javé aos gentios. O homem realmente é um desobediente, teimoso e acima de tudo desesperado porque os planos de Deus não são os seus, e então... resmunga!

E, na sua frustração, passa à acusação direta, ajeitando para si uma desculpa: "Orou então a Javé dizendo:

Ah! Iahweh, não era justamente isso que eu dizia

